

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Partes de África: entre a autobiografia e a ficção

Nayara Meneguetti Pires¹
Universidade Federal de São Carlos
meneguettipires@gmail.com

Resumo: *Partes de África*, do escritor português Helder Macedo, é intrigante devido a fragmentação e profusão de discursos que agrega ao unir diversas vozes, memória, história, autobiografia e ficção naquilo que o narrador chama mosaico incrustado de espelhos. Se por um lado a fragmentação da narrativa não constitui novidade, por outro, o espelhamento empreendido entre seus diversos cacos inscreve a narrativa em um lugar indecível, que recusa teorizações e os binarismos no qual o mundo colonial foi arquitetado. Além disso, há um constante flerte com a referencialidade, posto em evidência pela metaficcionalidade de um narrador autoconsciente deste processo de desestabilização de fronteiras. Evidencia-se um modo de relacionamento das narrativas com a realidade muito próprio da contemporaneidade, cabendo-nos estabelecer como objetivos quais os efeitos acarretados na apropriação dos dados referenciais autobiográficos.

Palavras chave: Autobiografia – Ficção – Contemporânea

Abstract: *Partes de África*, written by the portuguese writer Helder Macedo, is intriguing due to fragmentation and profusion of speeches that combines when unites diverse voices, memory, history, autobiography and fiction in what the narrator calls a mosaic inlaid mirrors. If on the one hand the narrative fragmentation is not new, on the other, the mirroring undertaken between its various pieces inserts the narrative in an undecidable place, refusing theories and binaries in which the colonial world was engineered. In addition, there is a constant flirtation with referentiality, highlighted by the metafictionality of a narrator self-conscious of this border destabilization process. There is evidence of a relationship between narratives and reality very distinctive of the contemporary world, leaving us to establish as objectives which are the entailed effects on the appropriation of autobiographical reference data.

Keywords: Autobiography – Fiction – Contemporary

Partes de África (1991), objeto deste estudo, é o romance de estreia do escritor português Helder Macedo, até então celebrado na poesia e na crítica.

¹ **Nayara Meneguetti Pires** é pós-graduanda no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de São Carlos, sob a orientação da Prof. Dr. Rejane Cristina Rocha. Interessa-se por questões acerca da contemporaneidade e do apagamento de fronteiras entre o ficcional e o referencial.

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Sua narrativa chama atenção pela fragmentação e profusão de discursos que agrega ao trazer à tona a história do colonialismo português, da libertação das colônias, do salazarismo e da Revolução dos Cravos transitando pela África, Portugal, Inglaterra e até mesmo pelo Brasil através da memória do narrador. As múltiplas partes desta África relatada pelo narrador há muito vem intrigando a crítica literária que se predispõe a arriscar-se pelos seus obscuros bosques de ficção. Isto acontece pois muitas peças selecionadas pelo narrador acabam por questionar o estatuto puramente ficcional da narrativa como, por exemplo, a transcrição de um documento no capítulo 10 ou a transcrição de uma comunicação feita pelo autor empírico – Helder Macedo –, intitulada “Reconhecer o Desconhecido”, no capítulo 17. Trata-se de uma obra em constante flerte com o referencial – seja ele autobiográfico ou histórico. A complexidade, entretanto, reside não apenas na fragmentação, mas na autoconsciência do narrador ao tecer seus comentários metaficcionalis, que acabam por corroborar com o efeito de diluição de fronteiras empreendido por algumas das peças ao infligir questionamentos dessa natureza.

Dentre os comentários metaficcionalis mais ilustres, está aquele no qual o autor nomeia seu próprio método de composição narrativa como um “mosaico incrustado de espelhos” (Macedo 39), marco da especificidade de sua obra. Ele nos explica que, ao narrar, não apenas seleciona e organiza fragmentos dentro de seu mosaico, mas também os espelha. Desta forma, existem fragmentos de memória, de história, autobiográficos, da tradição literária – tanto recursos formais como intertextualidades – que, entretanto, estão em constante tensão com seu oposto espelhado. Essa tensão é insolúvel, já que há uma preocupação em manter o equilíbrio entre as peças, nunca optando por uma ou por outra. Ficção e referencial, dessa forma, constituem-se em duas forças opostas que mutuamente se desestabilizam no interior de *Partes de África*. Nosso interesse é ocupar-nos desse abalamento mútuo das forças referenciais e ficcionais, buscando identificar quais são as implicações tanto no estatuto da ficção, quanto no estatuto dos referenciais autobiográficos.

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Nesse processo, é central a compreensão da figura do narrador e em como a fragmentação e o espelhamento, em conjunto com seus comentários metaficcionalis, empreendem uma diluição das fronteiras entre a ficção e a realidade. A hipótese que se intenciona comprovar é que a narrativa de *Partes de África* recusa a compreensão metafísica do mundo. Tal compreensão tem suas bases no platonismo e no estabelecimento de um centro para as estruturas, organizando-as de forma hierárquica, através de oposições binárias que se excluem. Ao colocar todas as suas peças em posição de equidade, almejamos comprovar que o romance busca uma forma de fazer literatura que recusa o fechamento metafísico, pois, ao desestabilizar as verdades absolutas, chama atenção para a artificialidade das mesmas e recusa para si mesmo tal exatidão. Antes, tal romance aponta para a impossibilidade de rigor dos fatos e para a pluralidade de significados que se pode atingir ao enjeitar tais perspectivas unívocas.

Essa dubiedade muito depende da metaficcionalidade e um modo de narrar caprichoso, digressivo e autoreflexivo, que, segundo o narrador, é herança do método de narrar de Laurence Sterne:

Deve ter sido à busca de incorpóreos que o Xavier de Maistre completou a sua volta ao quarto em optalidon e que o Garret foi de táxi até o fundo do quintal. Mas em compensação o Machado de Assis, que joga na mesma equipe, escreveu uma história sobre um homem que queria compor sinfonias e só lhe saiam polcas. Eu acabei o papel, embora não tenha acabado o corredor e as fotografias. (Macedo 233)

O narrador inclui-se na galeria de autores influenciados pelo método de narrar shandiano², porém, como *Partes de África* tende ao engodo e a não se

² Segundo Sérgio Paulo Rouanet (2007), há uma influência em cascata, que vai de Laurence Sterne, passa a Denis Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garret, até chegar a Machado de Assis. O autor comprova sua tese a partir da análise de cinco romances de autoria dos cinco autores citados anteriormente, respectivamente: *A vida e as opiniões de Tristram Shandy* (1759), *Jacques o fatalista* (1771), *Viagem em torno do meu quarto* (1795), *Viagens na minha terra* (1843) e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). Segundo ele, “todos transitam por uma larga avenida aberta por Laurence Sterne” (Rouanet 11), pois nestes é identificável uma forma comum, apontada por Machado de Assis no prólogo e no primeiro capítulo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: 1) a presença constante do narrador; 2) a digressividade e a

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



fixar em categorias pré-definidas, buscou-se estabelecer quais os paralelismos e desvios do modo de agir do narrador de *Partes de África* e de seus mestres, a fim de compreender sua filiação a uma dada tradição literária como mais uma das peças que serão reconfiguradas pelo romance e auxiliarão no processo de descentralização da verdade e desestabilização do referente autobiográfico. Um exemplo deste trabalho de releitura da tradição é o modo como o método digressivo empregado pelos narradores shandianos, que incumbe-se de fragmentar a narrativa, é acrescido ao espelhamento que se efetua entre as diversas partes. Trata-se não só de um trabalho de seleção de fragmentos, mas a preocupação de dispô-los de forma paradoxal, opondo ideias e personagens, espelhando as diversas partes e criando a tensão entre opostos característica de *Partes de África*.

Uma vez que a verdade é desvelada em sua artificialidade e desestabilizada pelo romance, colocada em posição de horizontalidade com a ficção, nos preocupa os efeitos que essa crise de representação – própria da contemporaneidade– acarreta no estatuto dos dados referenciais autobiográficos. Neste panorama de ambiguidade entre essas categorias, tanto a noção de sinceridade autobiográfica, advinda das *Confissões* de Rousseau, quanto a morte do autor, declarada por Barthes e Foucault, tornam-se insuficientes. Em outras palavras, nem a completa centralidade do sujeito, nem o seu completo apagamento respondem à especificidade do presente e deste romance: baseamo-nos no pressuposto de que na contemporaneidade, marcada pela superexposição do eu, apenas a possibilidade de retorno do autor seria capaz de dar conta de tal questão.

Tendo em vista tal problemática, optou-se pelo uso da noção de autoficção para comprovar que o autor que aqui retorna não é mais aquele que mantinha a centralidade anterior à crítica do sujeito, mas um autor profundamente afetado pela conjectura contemporânea de fetichismo da imagem, que, aproveitando-se do crescente interesse pelo eu, irá empreender uma visibilidade enganadora ao confundir os limites entre o seu eu empírico e

fragmentação; 3) o tratamento subjetivo dado ao tempo e ao espaço e 4) a interpenetração do riso e da melancolia.

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



seu eu ficcional. A autoficção se caracteriza, então, como um discurso que engendra um hibridismo entre o ficcional e o autorreferencial. Diana Klinger (2007) sugere que este conceito iluminaria o caráter teatralizado da construção da imagem de autor, visto, aqui, não como sujeito pleno e originário que o texto mimetiza, mas como uma construção que se dá tanto através do ficcional quanto através de sua presença na mídia. Estas são faces complementares “da mesma produção de uma subjetividade, instâncias de atuação que se tencionam ou se reforçam, mas que, em todo caso, já não podem mais ser pensadas isoladamente.” (Klinger 59) Nesse sentido, o autor representa um papel, inclusive na vida real, fazendo esse sujeito ser duplamente considerado como uma ficção: não há referente, não há sujeito original. O narrador de *Partes de África* mostra-se ciente desta possibilidade teatral do sujeito:

Além de que isto não só foi depois de ter caído o Catalin da RAF na praia do Bilene, que me fez pró-aliado como os meus pais e a Bebê era pró-alemã como os dela, mas também foi antes de ter ido ao teatro pela primeira vez, que me fez entender que a mesma pessoa pode ser várias conforme as peças. Senão não sei o que me teria acontecido. (Macedo 19)

Helder Macedo dramatiza a si mesmo, *performa* uma noção de si que concorre para a criação de um “mito do escritor”: não só no romance como na vida real. O autor, no interior de uma sociedade capitalista, fica impossibilitado de se desvincular de suas aparições públicas: todas essas formas de expressão do eu são igualmente ficções, modos diferentes de se autorrepresentar.

Um dos exemplos mais extremos em *Partes de África* dessa teatralização do sujeito é a figura de Luís Garcia de Medeiros, encarada neste trabalho como mais uma das performances de Helder Macedo: o seu reflexo invertido no espelho. O autor, já ficcionalizado em *Partes de África* e tornado narrador, desdobra-se na figura de Luís Garcia de Medeiros para, novamente, ficcionalizar o já ficcionalizado, dando-lhe novas feições, assim como fizera a priori. Trata-se, desta forma, de uma autoficção dentro da autoficção.

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Nesse sentido, o mesmo pode se dizer de suas produções ficcionais – o romance *Partes de África*, de Helder Macedo, e o fragmento de um *Drama Jocosos*, de seu alterego Luis Garcia de Medeiros, inserido no interior do primeiro –: são peças opostas. A produção literária de Luís Garcia de Medeiros seria, então, a do narrador-autor Helder Macedo se este tivesse tomado caminhos diversos e cedido aos modelos literários já prontos – por isso as intromissões que são feitas ao fragmento do *Drama Jocosos* são tão recheadas de críticas: pois é previsível e recheado de clichês. Consideramos, por isso, que as inscrições de si do autor real e do ficcional – seja através do romance ou através do *Drama Jocosos* – fazem parte da construção da mesma subjetividade e são indissociáveis. Luís Garcia de Medeiros e Helder Macedo (autor e narrador) são fragmentos de subjetividade, que, trabalhando em uníssono, atuam para a construção – sempre em trânsito – da identidade da figura autoral. Vale ressaltar que não estamos a falar aqui em termos de representação fiel da realidade ou ir de encontro à verdade, já que entendemos o referente, o original, como uma ilusão. Se falamos em realidade ou construção da identidade autoral, é cientes de que essas nunca serão plenas e totalizadas, mas antes fragmentárias e incompletas.

A graça, desta forma, encontra-se justamente na indecidibilidade entre o real e o ficcional, entre a verdade e o imaginado, na não conformidade a gêneros e estilos literários. Como leitores, aceitamos o pacto ficcional no momento que abrimos o romance, dispostos a aceitar o que nos é contado, desde que haja plausibilidade, mas acabamos desestabilizados e perdidos com a torrente de informações referenciais, verossimilhança e inverossimilhanças trazidas pelo narrador. É tudo ficção? É tudo verdade? Fazer essas perguntas, tentar tirar as máscaras do narrador, é estragar a graça do jogo: precisamos nos conformar a aceitar as novas regras que nos são impostas. Tudo e nada disto aconteceu.

A autoficção, vista deste modo, empreende uma continuidade da crítica do sujeito, já que o autor retorna apenas para ser questionado novamente. Colocar o ‘eu’ novamente no centro do debate através do recurso ao

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



metaficcional e na forma de uma exposição de sua intimidade de maneira ambígua expõe “a subjetividade e a escritura como *processos em construção*” (Klinger 61) Ao cabo, a experiência autoral, a história, a memória, ficam circunscritas no espaço da escrita: “Em que o autor se dissocia de si próprio e desdiz o propósito de seu livro” e “Em que o autor se despede de si próprio e reafirma o não propósito do seu livro”. Os nomes desses capítulos – o primeiro e o último – revelam o processo de escrita como um processo de construção da identidade. Ao fim, “Sobram só os mapas onde todas as ilhas são imaginárias.” (Macedo 170): tudo é ficção. Estamos todos fadados à ambiguidade. A verdade não nos é acessível.

Em suma, *Partes de África* não diz respeito à busca de uma verdade, ou de um sentido para a autobiografia e a história ali representadas. É antes uma discussão sobre a própria linguagem e o modo como ela pode ser manipulada para dizer tanto a verdade quanto a mentira, seja ela empregada para escrever um romance, ou não. Trata-se de uma continuidade da crítica do sujeito, aplicada agora a sociedade contemporânea.

Bibliografía

Klinger, Diana. *Escrita de si, escrita do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

Macedo, Helder. *Partes de África*. Lisboa: Presença, 1991.

Rouanet, Sérgio Paulo. *Riso e Melancolia: a forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garrett e Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.